

Biblioteca Geral da Universidade  
Cursos e Conferências de Extensão Universitária

XLVIII

Esbôço histórico

da

Medicina dos Portugueses  
no Estrangeiro

POR

ÁLVARO GUIMARÃES DE CAIRES



COIMBRA  
BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE  
1936

RC  
MNCT  
61  
CAI



As seu Ex<sup>ma</sup> Muito Precoso Mestre &  
Aluno Professor Henrique de Vilhena  
com a maior admiração & gratidão  
vinte e nove de Novembro 1879

of  
Paul

ESBÔÇO HISTÓRICO DA MEDICINA  
DOS PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO



Biblioteca Geral da Universidade  
Cursos e Conferências de Extensão Universitária

XLVIII

Esbôço histórico  
da  
Medicina dos Portugueses  
no Estrangeiro

POR

ÁLVARO GUIMARÃES DE CAIRES



RC  
FACF  
61  
CAI

COIMBRA  
BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE  
1936

---

Separata de *Cursos e Conferências* da Biblioteca  
da Universidade de Coimbra  
vol. VI

---

## ESBÔÇO HISTÓRICO DA MEDICINA DOS PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

SENHOR DIRECTOR DA BIBLIOTECA DA  
UNIVERSIDADE  
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Não pretendo ocultar, mas também não sei definir o enleio e a alegria que ao mesmo tempo sinto, quando, pela primeira vez, apresento um dos meus desvaliosos trabalhos ao público cultíssimo, que habitualmente frequenta êste templo de sabedoria e que, com tanto brilho, tem sabido manter a atmosfera tradicional de erudição, de que sempre e justamente se pôde orgulhar esta doutíssima Universidade.

Habitado por educação a venerar, desde tenra idade, o Bêrço Espiritual da minha Pátria; passei depois a querer-lhe cada vez mais, à medida que o meu espírito ávido sempre de razões capazes de justificarem, mais ainda, o meu orgulho de português, ia descobrindo, sucessivamente, as marcas gloriosas do seu labor nacional e os vestígios indeléveis da sua notável acção científica no estrangeiro.

Não é, pois, para admirar o meu alvoroço, nem a minha perturbação, quando ousar, hoje, submeter esta desataviada palestra ao julgamento dos mestres ilustres, que aqui regem com glória para a Nação e a quem muito agradeço o gentil acolhimento e a honrosa comparação.

Devo especializar, neste meu agradecimento, o ilustre Director da Biblioteca da Universidade, Sr. Dr. Providência Costa, a quem a inter-cultura luso-alemã tanto deve já e o Sr. Dr. Rocha Brito, grande mestre de medicina nesta Universidade, *doublé* de historiador, que em têrmos cativantes fez o favor de me apresentar a V. Ex.<sup>as</sup>, procurando, com a sua palavra elegante, justificar os imerecidos elogios que me fez, com a enumeração benèvolamente engrandecida dos meus escassos esforços para servir a medicina do meu País e tornar-me digno dela.

O trabalho que, hoje, vou ter a honra de apresentar a V. Ex.<sup>as</sup> é, por assim dizer, um resumo daqueles que, sobre a medicina dos portuguezes em cada país, tenho levado a efeito, uma planificação que não permite análises detidas das obras, nem mesmo a sua completa enumeração e que procura, apenas, dar uma visão de conjunto da nossa acção científica no estrangeiro, que reputo importante, em que, a propósito de cada vulto lembrado, apenas citarei a produção dominante, isto é, a obra que marcou ou, ainda, o facto mais prestigioso da sua vida científica ou profissional, procurando, todavia, no que diz respeito aos seus respectivos valores e acções, guardar, ajudado pelo meu fraco senso crítico, as devidas e justas proporções.

#### MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

A todos acaba por seduzir o assunto de que vou ocupar-me. Na verdade, êle é tão rico de ensinamentos, tão fecundo em resultados para quem a sério o estuda e tão grato à Mística patriótica dos bons portuguezes, que todo aquele que, um dia, se propõe investigar a valer neste campo fértil, nunca mais o abandona e cada vez mais por êle se sente apaixonar.

Foi o que me succedeu quando, longe da Pátria e em meios considerados de máxima cultura, eu me decidi a completar os conhecimentos da ciência que professava, estudando-a desde as suas mais remotas origens.

Então, num verdadeiro deslumbramento de surpresa e de patriótica alegria, fui-me convencendo, à medida que investigava, de que o meu coração de português, tão orgulhoso já dos descobrimentos, quasi sobrehumanos, e dos feitos militares dos heróis da minha Raça, devia sentir-se envaidecido, também, à lembrança dos homens de ciência da minha Pátria, desses profissionais eruditíssimos que, nos centros mais cultos da Europa de outros séculos, souberam impor-se à admiração dos cientistas do seu tempo, desses médicos admiráveis, enfim, que gloriosamente conseguiram ascender às cadeiras das mais afamadas e inacessíveis universidades e à clínica das côrtes mais faustuosas e exigentes.

Como é sabido, factores de vária ordem contribuíram poderosamente para a expansão médica dos portugueses no estrangeiro através dos séculos, mas convém, neste caso, não perder de vista uma característica psicológica do povo português, o seu espírito irrequieto e aventureiro que, não se contentando apenas com as possibilidades que a sua Terra lhe oferece, o leva, movido pela curiosidade e pela ambição, a ir pelo mundo fóra em busca ou de riqueza, ou de glória, ou, finalmente, de um saber maior ainda, o que, de resto, não passa de uma ambição, também, embora de carácter espiritual. A êste factor constante e fundamental, foram-se juntando outros que, sucessivamente, deram feições diferentes e características próprias à emigração médica dos portugueses.

Nos primeiros tempos da nossa Nacionalidade era a escassez do ensino, a falta de um Estudo Geral que obrigava os indivíduos, apenas preparados com as lições práticas que particularmente doutro médico recebiam ou com o curso elementar que no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, funcionava, a irem procurar nas escolas mais afamadas da Europa, que eram então as de Paris, Montpellier e mais tarde de Salamanca, o ensino que entre nós lhes faltava. E tanta necessidade havia desta procura de conhecimentos que foram os próprios Cónegos

Regrantes de Santo Agostinho, que tinham a instrução pública a seu cargo, os primeiros a pedirem a D. Sancho I que, do seu bôlso real, mandasse e mantivesse nessas escolas alguns estudantes distintos, espécie de bolsiros dos nossos dias.

Dêste modo, estudou medicina em Paris, por exemplo, o Cónego D. Mendo Dias, que, depois, veio para Coimbra inaugurar um curso da sua especialidade, e Gil Rodrigues, o S. Frei Gil da lenda, que o povo medieval, simples e fantasista, sempre considerou sobrenatural, tanto na sua primeira fase diabólica em que, com as suas curas pasmosas, assombrou Paris inteiro, como já depois de arrependido e santificado, quando soube comover Portugal todo com a fama dos seus milagres. Despojados, porém, todos estes factos dos ingénuos adornos que a lenda lhes emprestou, parecem êles claramente indicar o valor clínico do célebre frade da Ordem dos Pregadores.

Pedro Julião também nos estudos de Montpellier e de Paris cursou a medicina. Autor de obras valiosas de divulgação médica, Arábigo-Galénica, compendiou a filosofia Aristotélica nas suas célebres *Sumulas Logicales* que, durante séculos, as universidades europeias adoptaram como tratado único e insubstituível. A sua poderosíssima inteligência e o seu grande saber levaram-no à regência de cadeiras médicas e filosóficas na Universidade de Siena.

Precursor de ideias que hoje dominam a ciência, tanto nas relações existentes entre o corpo e o espírito, como no campo da própria medicina, êste ilustre escritor, mais conhecido nos meios estudiosos pelo pseudónimo de Pedro Hispano, anteviu, com luminosa clarividência, a especialização oftalmológica e a colaboração do laboratório com a clínica. Depois de, sucessivamente, elevado às mais altas dignidades eclesiásticas, conseguiu finalmente Pedro Julião entrar, com glória, na côrte de Roma, não apenas como médico ilustre, mas para ocupar, êle próprio, a cadeira de S. Pedro, onde tomou o nome de Papa João XXI.

Uma vez criada a Universidade, em Lisboa, por D. Dinís, durante alguns séculos, ainda, o ensino da medicina se mostrou defeituoso em Portugal, vendo-se, por esta razão, longo tempo obrigados os estudiosos do país, a procurarem, no estrangeiro, o preenchimento das lacunas que no nosso ensino encontravam.

Êste fenómeno chegou a tornar-se tão intenso que, por mais de uma vez, foi preciso tomar medidas restrictivas contra essa emigração de carácter escolar. Depois, com as sucessivas reformas, chegou-se a complicar, a carregar e a alongar, de tal maneira, o curso médico, que o exodo continuou, do mesmo modo, a fazer-se, embora por motivo oposto.

Entrando agora, pròpriamente, no assunto desta conferência, começarei por trazer ao conhecimento de V. Ex.<sup>as</sup>, essa curiosa figura de clínico experimentado e observador sagaz, que foi o grande mestre português da Universidade de Montpellier, Valesco de Tharanta, que, depois de ter abandonado Lisboa no reinado de D. João I, conseguiu tornar-se o professor de maior prestígio e o médico mais notável daquela doutíssima Faculdade de Medicina.

Autor de um livro sôbre a peste, que em Espanha teve a honra, mais tarde, de ser a primeira obra médica que lá se imprimiu, escreveu êle, também, o célebre *Philonium Medicum*, em que se revelou um tratadista original e independente, e teve a coragem, sendo o mestre mais illustre do mais sólido baluarte universitário do Arábigo-Galenismo, então dogmáticamente imposto à ciência médica, de substituir, em muitos pontos, os seus repisados princípios pelo produto, apenas, de uma observação sagacíssima e da sua longa experiência de trinta e seis anos. Foi êle quem, pela primeira vez, descreveu uma epidemia de gripe e que, em certas práticas clínicas e higiênicas, se mostrou um verdadeiro precursor da medicina moderna.

Se os enlaces reais e de nobres contribuíram bastante para o intercâmbio clínico, sobretudo entre Portugal

e Espanha, pelo facto de as princesas e fidalgos, que por êsse motivo tinham de transferir a sua residência de um país para outro, não dispensarem fãcilmente a companhia dos seus médicos habituais, em muito maior escala, ainda, entram como factores do exodo médico de portuguezes, neste século e nos dois que se lhe seguiram, a expulsão dos judeus e as perseguições aos cristãos novos. Como é sabido, estas últimas obrigaram centos e centos de homens ilustres a abandonar a sua Pátria, em condições verdadeiramente dramáticas de precipitação, para fugirem aos rigores que, de perto, os ameaçavam. Estas perseguições, políticas afinal, que se exerciam em nome de uma religião sublime e tolerante que a todos ensina que se amem como irmãos, fizeram-se sentir fortemente no campo da medicina de então.

Para dêle só destacar os ilustres entre os ilustres, começarei por citar, entre os perseguidos, Luís Nunes que estudou medicina na Universidade de Salamanca, nesse tempo em tôda a pujança da sua glória, e regeu depois cadeira na nossa Universidade, primeiramente em Lisboa e mais tarde em Coimbra, depois de reformados os seus estudos por D. João III. Obrigado porém, um dia, repentinamente a expatriar-se, tomou êle o rumo de Antuérpia que, embora sujeita à corôa de Espanha, oferecia nesse tempo uma liberdade religiosa em nada comparável com a intolerância peninsular.

Pretendia o grande médico português continuar viagem, mas, maravilhado pela riqueza da cidade, começou, a sentir também, o bem-estar que lhe causava a grande convivência que por lá encontrara e o alargamento dos seus horizontes intellectuais, proveniente, em grande parte, das numerosas e bem providas livrarias que na opulenta cidade abundavam, apresentando tôda a espécie de obras, muitas das quais nunca tinham conseguido iludir a apertada vigilância que, então, se exercia na península.

Foi na livraria de João Steelso que convidaram

Luís Nunes, uma vez revelado o seu valor, a rapidamente elaborar um dicionário de medicina, que se pudesse juntar a uma nova edição do dicionário do célebre humanista Nebrixa que essa casa ia publicar. O médico português, apesar de ter sido obrigado na sua precipitada partida a abandonar todos os seus livros em Coimbra e de não possuir na Cidade Flamenga elementos de consulta que lhe permitissem uma leitura, rápida que fôsse, tomou conta da encomenda e, só com o que de córsabia, levou a obra a cabo com o agrado de todos. Isto mostra bem a sua grande erudição e quanto ao seu valor clínico, prova-o a escolha que dêle fizeram para médico da Rainha Catarina de Medicis, depois que em Paris temporariamente se instalou, e o terem-no chamado, também, de Antuérpia a Bruxelas para tratar da Rainha de Inglaterra quando esta, mais tarde, ali adoeceu.

Mais infelizes do que êle foram ainda, certamente, Garcia Lopes, escritor médico de alto valor que, na volta do seu refúgio em Antuérpia, veio a morrer queimado nas fogueiras da Inquisição e o seu antigo companheiro de estudos João Rodrigues (de Castelo Branco), o celeberrimo Amato Lusitano, príncipe da medicina portuguesa, que, durante tôda a sua atribulada vida de desgostos e perseguições, andou pelo mundo culto a iluminar a ciência com o seu génio clínico e investigador e a cobrir de glória o nome da Pátria ingrata que êle, ao assinar as suas obras notabilíssimas, tão amorosamente relembrava.

Historiar a vida de Amato Lusitano é ir sempre num crescendo de admiração e de orgulho, é acompanhá-lo, logo, desde os seus estudos em Salamanca e ver a confiança absoluta que os seus mestres ilustres nêle depositavam, a ponto de lhe confiarem, contra todas as praxes e quando estudante ainda, a direcção de duas enfermarias de cirurgia nos seus afamados hospitais de então. E que mestres fizeram isto? Dos mais prestigiosos de tôda a Espanha. Santiago Olivares o proto-médico da

côrte, Ponte-el-Chico, o professor de Daza Chacon que foi o maior cirurgião espanhol dêsse século. Alderete, o célebre clínico e farmacólogo cujas receitas, durante longo tempo, figuraram nos formulários. La Parra, um dos organizadores dos célebres Estatutos de 1538, o português Henrique Fernandes, a quem a Universidade espanhola encarregou da defesa dos seus interesses junto da côrte e o Dr. Abarca, mais conhecido pelo Dr. de la Reina, que nunca se enganava nos prognósticos. Dêle se conta que, tendo ido observar, certa manhã, um doente rico a sua casa e declarado que nada tinha que pusesse a sua existência em perigo, soube à tarde, com espanto, que o homem já estava amortalhado e em câmara ardente, mas, não se dando por convencido, voltou lá e entrando à fôrça na casa mortuária, tirou-o do caixão e começou a reanimá-lo até que, por fim, o restituiu à vida, com grande desapontamento dos seus herdeiros que assim viram afastar-se, por algum tempo mais, o dia feliz que há tanto esperavam.

Depois de médico já e longe da Pátria, onde não lhe era dado viver, encontramos Amato em Antuérpia, cercado da maior consideração e chamado por todas as altas personagens, que pela cidade passavam, tanto portuguesas como estrangeiras. Lá tratou êle do grande humanista hespanhol Luiz Vives, quando a gota o affligiu, e do rico feitor Cirne, do Rei D. Manuel, que, pela cura de uma simples terçã, lhe pagou generosamente tresentos ducados em oiro.

Mas a sua ância de saber era tão grande, que acabou, ao fim de sete anos, por trocar o bem-estar lucrativo do opulento Pôrto Flamengo por essa Itália surpreendente que, depois do Renascimento, se tornara um foco de cultura, um manancial riquíssimo de ciência. Seduziram-no as promessas do poderoso e rico Hércules II d'Este, Duque de Ferrara, que, depois de ter engrandecido os seus Estados, rapidamente soubera transformar a cidade de Ferrara, dando-lhe um aspecto grandioso e moderno

embora, para isso, tivesse esmagado os seus subditos com pesadíssimos impostos. Agasalhando com simpatia os sábios que à sua hospitalidade se acolhiam, estes pululavam na cidade, vindos sobretudo de Florença, tendo nela, a breve trecho, desenvolvido um foco intensíssimo de cultura que a sua Universidade, ao tempo uma das mais completas da Europa, orgulhosamente centralizava.

Pois foi neste meio requintado que Amato se impôs à admiração de todos pela fama do seu saber. Foi nessa soberba Universidade que este nosso célebre médico regeu a delicada cadeira dos aforismos de Hipocrates. Foi, finalmente, no admirável Jardim Botânico do riquíssimo Marcus Pio que êle ensinou Botânica.

Travando, depois, íntimas amizades com os sábios que sob a egide do filho de Lucrecia Borgia viviam, com êles partilhava da clínica, discutindo diãriamente casos médicos com o grande Musa Brasavola, até que, de colaboração com o célebre anatomista João Batista Canano, descobriu a existência de válvulas nas veias que, mais tarde, Fabrício d'Acquapendente havia de completamente descrever, ensinando, também, aos cirurgiões a prática das escarificações que êles totalmente desconheciam.

A fama dos seus méritos galgara fronteiras e da România e da Polónia recebeu o grande médico português propostas vantajosíssimas para lá se fixar. Recusou-as êle com receio do rigor dos seus climas frios e dirigiu-se antes a Veneza, onde logo curou o Embaixador de Espanha e travou as melhores relações com os médicos ilustres que lá viviam.

Depois passou a Roma, e aqui deu-se um facto verdadeiramente notável, o de se ver este homem, geralmente perseguido, a quem não era lícito fixar-se por longo tempo nalguma parte por causa do seu judaísmo, cercar-se duma fama tal, de bom clínico, que, a breve trecho, era chamado, apesar de tudo, para tratar, juntamente com o seu ex-con-

discípulo e médico espanhol de reputação europeia, André Laguna, o próprio Papa Júlio III. O que isto representa de glória para um médico judeu, naquele século e em Roma, difficilmente se pode comprehender nos tempos que vão correndo.

Amato, depois de ter publicado em Florença a primeira das suas formidáveis *Centurice Curationum Medicinalium*, obra colossal de talento e erudição, versando a anatomia, a terapêutica, a medicina e a cirurgia e que, volvidos quatro séculos se lê ainda com proveito, foi viver para Ancona. Mas o ódio implacável que o médico Mathiolo de Siena lhe votara, desde o dia em que o notável tratadista português cortezmente lhe indicou alguns êrros de botânica, fez com que, bem depressa, o nome do desditoso médico judeu tivesse sido apontado à perseguição implacável dos agentes de Paulo IV que o obrigaram a fugir precipitadamente daquela cidade, onde deixou todos os haveres que honradamente conseguira amealhar durante a vida e alguns dos seus preciosos manuscritos, um dos quais irremediavelmente se perdeu.

Tendo fixado, finalmente, a sua residência na Turquia, onde os da sua raça não eram perseguidos, de novo começou a criar grande fama e a auferir lucros importantes. Lá publicou ainda as suas restantes *Centurice*, vindo, pouco depois, a morrer gloriosamente contagiado pelos pestosos que, durante uma epidemia, se applicara dedicadamente a tratar.

Ao passo que quasi todos os escritores médicos da sua época se limitaram, em suas obras, a trabalhar apenas uma das feições do Renascimento da medicina, Amato atingiu integralmente, na sua, os três objectivos do grande movimento médico da sua época, que eram a crítica rigorosa de tôda a ciência do passado, do Hipocratismo, do Galenismo e do Arabismo, a construção da ciência baseada mais na observação do que na especulação metafísica e a substituição da Anatomia de Galeno por aquela, que derivava da observação directa.

Deve-se-lhe, além de tudo isto, o alto serviço da divulgação médica e botânica de muitas das plantas e novas drogas do Oriente, pelos portugueses descoberto, que êle escrupulosamente classificou e descreveu, com maior rigor por vezes e preparação científica, do que o próprio Garcia d'Orta que em 1563, nos seus célebres «Colóquios dos simples, drogas e coisas medicinais da Índia», revelou ao mundo culto, de então, a botânica e a farmacologia dessas regiões misteriosas do Oriente que, nesse tempo, interessavam à Europa inteira.

Produto da observação directa a que, durante muitos anos, o seu autor procedeu na própria Índia, para onde fôra como físico do capitão Martim Afonso de Sousa, êste livro tornou-se, mais tarde, conhecido, sobretudo depois da tradução castelhana, resumida e comentada, que dêle fêz o seu colega e discípulo Cristóvão da Costa e da edição latina a que o célebre botânico francês Charles de l'Ecluse deu a forma concisa de tratado. Também Garcia d'Orta, durante a sua permanência em Gôa, foi médico dos hospitais, dos vice-reis e do chefe indígena Nizamaluco.

Mais longe, nos confins do Oriente, no ignorado Japão, o cirurgião Luiz de Almeida, que no mesmo século para lá fôra movido pela ambição das riquezas, transforma-se em apóstolo da clínica desinteressada, caridosa e cristã. Entra para a Companhia de Jesus e desenvolve, depois, uma actividade pasmosa e dedicadíssima, no exercício e no ensino da sua arte, entre aqueles povos bárbaros e ignorantes.

Funda em Oita, no ano de 1555, a Escola Cirúrgica dos Bárbaros do Sul, onde, êle próprio, chega a praticar por dia sete operações, ajudado por Duarte Silva e auxiliado pelos seus discípulos japoneses. Operando e ensinando sempre, consegue êle preparar, por fim, cirurgiões suficientes para guarnecer não só os hospitais que depois funda sucessivamente em Kata, Schimabara, Hito e Nagsake, mas também uma casa de saúde que por suas pró-

prias mãos construiu, destinada ao serviço das classes favorecidas e que constava de sala de operações e 16 quartos.

Exausto de tantos trabalhos e sacrifícios retirou, por fim, doente para Macau, onde veio a morrer, novo ainda e consumido pelas febres.

Na côrte de Espanha, os médicos portugueses gosaram sempre de uma fama tal que, por serem geralmente os preferidos, enchia muitas vezes de emulação e despeito os seus colegas espanhóis que na real câmara serviam também.

A rivalidade que sempre existiu entre o célebre «Doutor Português», que um documento achado por Pedro de Azevedo conseguiu identificar com o Dr. Fernão Lopes, e o grande cirurgião Dionísio Daza Chacon foi uma coisa falada na côrte de Filipe II. O mais curioso, é que êste célebre cirurgião espanhol na sua obra importantíssima mostra-se tão justiceiro, que nela chega a contar o seguinte: Chamado uma vez, em Lisboa para onde viera acompanhando D. Joana d'Austria, a uma conferência em que, por delicadeza, o deixaram para o fim, êle confessa que sentiu vontade de se meter pelo chão abaixo quando chegou a sua vez de falar. pois pensou que ia fazer figura de néscio, por não ter nada de novo para dizer depois de ter ouvido desenvolver os mais doutos conhecimentos aos ilustres circunstantes. Pois o homem, que assim escreveu e não duvidou fazer justiça honrosa à medicina portuguesa, nunca pode levar à paciência a preferência que na côrte se dava ao célebre «Doutor Português» a quem, nas suas notas clínicas, crivava de acerbas ironias.

Não lhe perdoou nunca êle nem o arrebatamento irritado da Princesa D. Joana, ao ouvir o Dr. Lopes atribuir a morte da sua querida aia D. Maria Leite ao seu defeituoso e intempestivo tratamento, nem tão pouco a célebre frase do Príncipe D. Carlos quando êste, depois de prontamente socorrido por Daza Chacon, na sua desastrosa

queda em Alcalá, exclamou: «Licenciado Daza, eu antes queria ser tratado pelo «Doutor Português», não leveis a mal». E foi o «Doutor Português» quem, na verdade, trepanou mais tarde o Príncipe, embora o Duque d'Alba, para não acender mais aquela desagradável rivalidade, tivesse convidado, depois, o grande cirurgião espanhol a concluir a operação.

Já antes o cirurgião Filipe, tratando Carlos v, na Alemanha, de um apêrto urinário, tinha alcançado uma grande nomeada, quando conseguiu libertar o Imperador do seu sofrimento por meio das sua velinhas cáusticas que fizeram depois a fortuna de dois boticários que o ajudavam, um romano que em Roma divulgou êsse tratamento e outro português, Afonso Dias, a quem a Espanha pagou grandes somas para, nos centros médicos regionais, ensinar êste afamado método.

Manuel Vaz também foi da Real Câmara de Filipe II, Francisco de Sousa seu cirurgião e António Peres, tratadista notável, ascendeu à categoria de cirurgião-mór.

Muitos foram os Grandes de Espanha que, nessa época, tiveram por médicos, portugueses que, permanentemente, lhes assistiam. Assim, por exemplo, Pedro Vaz, escritor médico de valor, era da câmara do Duque de Maqueda, Vice-Rei do Principado da Catalunha, Pedro de Peramato, precursor da clínica dos temperamentos, era médico do Duque de Medina Sidónia, Nunes de Castro, autor de um célebre tratado da sangria, assistia a D. João d'Austria e ao Duque de Medina Celli. E, quando mesmo os grandes senhores iam para longe comandar exércitos ou governar domínios, levavam também consigo êsses médicos portugueses da sua confiança e de quem não se queriam apartar. Assim aconteceu, por exemplo, a Luiz Henriques que, depois de ter regido filosofia e medicina em Alcalá, chegou a ser professor da célebre Universidade de Nápoles, a Sebastião Gago que, na América, foi cirurgião-mór do Hospital de Santo André da

cidade de Lima e a Álvaro Nunes, o comentador da obra de Arceu, que, sendo médico do Arquiduque Alberto de Austria, o acompanhou a Lisboa e depois a Antuérpia, onde alcançou grande nomeada clínica.

A fama dos médicos portugueses era tão grande, nesse tempo, que o Rei Mouro de Fez, então em guerra comosco, mandou pedir que lhe enviassem um clínico hábil para o tratar de uma doença que teimosamente o afligia, recaindo a escolha em Rodrigo de Castro, nome ilustre da medicina portuguesa, não só por êste facto, mas porque foi também usado por seu sobrinho.

Foi êste último quem, na Alemanha, depois de ter curado Margarida de Alefeld, mulher do Governador de Flesenburgo, adquiriu grande reputação em Hamburgo, onde escreveu um celebérrimo tratado que deu origem a essa especialidade médico-cirúrgica, hoje tão importante, que se chama *A Ginecologia*.

O seu carácter recto e probo e o seu valor clínico já, antes disso, se tinham tornado bem conhecidos em Lisboa, a-ponto-de, quando da mobilização para a Invencível Armada, se saber já que todo aquele a quem Rodrigo de Castro passasse um atestado de doença, pela certa, ficava dispensado de embarcar. Por isso, o seu tratado deontológico, intitulado *O Medicus Politicus*, reflecte absolutamente esta sua maneira de ser e levou Beaugrand a classificá-lo de «verdadeiro código de dignidade e moralidade profissionais que se aplica a todos os tempos e que faz a mais levantada honra aos sentimentos de quem o escreveu».

Outro que, em matéria de deontologia, se impôs também à consideração geral, foi Henrique Jorge Henriques, o professor ilustre que, na Universidade de Salamanca, criticou em Claustro Pleno a desmoralização que últimamente se estava observando, no que dizia respeito a classificações e facilidades de cursos, e teve a coragem de avisar que êsse estado de coisas havia de fatalmente concorrer para a decadência daquêle grande

estabelecimento de ensino. Como a sua palavra não tivesse sido devidamente escutada, abandonou, por fim, a cadeira, desiludido, e, partindo para Coimbra, aí passou a ensinar a medicina. Autor do Retrato do Perfeito Médico, caudal imenso de erudição, cortado a espaços por uma crítica irónica a tudo o que então representava charlatanismo, Lope de Vega dedicou-lhe um soneto que termina por dizer que o melhor retrato de perfeito médico que conhecia, era o do seu próprio autor.

Nem só Henriques, porém, ensinou em Salamanca, lá encontrou êle, quando para ali foi estudar, outro illustre mestre português, o Dr. Ambrósio Nunes, cuja nomeada em Espanha era tão grande, que de Madrid e até de Sevilha, amiudadas vezes, o chamavam para dar a sua opinião sôbre casos clínicos, quando não era de Lisboa que lhe pediam para vir inspirar as medidas a tomar no combate das epidemias de peste que, então, com freqüência a visitavam.

Um facto curioso se regista neste fim de século XVI e metade do seguinte: É que ao passo que, no tempo de D. João III, vieram, apenas, três mestres espanhóis Rodrigues de Guevara, Rodrigo de Reynoso e Francisco Franco, para, respectivamente, regerem em Coimbra, segundo as modernas correntes médicas da Renascença, a Anatomia, a Medicina e a Matéria Médica, sem contar com o cirurgião Diaz d'Ysla que, antes, tinha vindo a Lisboa ensinar a tratar do Morbo-Serpentius, ou seja da Sífilis, no Hospital de Todos os Santos, os médicos portugueses invadiram a côrte de Espanha, conquistando as mais altas situações, inclusivamente, as universitárias. E, durante a dominação Filipina, quando parecia que devia dar-se o contrário, mais êste fenómeno se acentuou ainda, parecendo até que, no campo médico, os verdadeiros dominadores eramos nós, os politicamente dominados.

Fernando Cardoso chegou a ser Físico-Mór em Madrid, mas o mais interessante, ainda a notar, é que o

ressentimento dos espanhóis, após a Restauração, não se estendeu aos médicos portugueses, que foram mantidos nas câmaras dos nobres e, até mesmo, nas universidades, como sucedeu a Rodrigues de Pedrosa que, jubilado em Salamanca, foi outra vez nomeado para reger uma nova cadeira daquela Universidade, criada propositadamente pelo Conselho Real de Madrid a fim de se poder continuar a aproveitar os seus serviços.

No ensino universitário espanhol desta passagem de século, encontramos ainda os seguintes portugueses: Fernando Mena, regendo a principal cadeira médica da célebre Universidade de Alcalá, Luiz de Lemos, que em Salamanca procurou sempre distinguir com argúcia as autênticas obras de Hipocrates das que falsamente lhe eram atribuídas e Tomás d'Aguiar, que repartia o seu tempo pela Universidade de Alcalá e a clínica do Duque de Los Arcos de Faria, a quem acompanhou, durante muito tempo, em longa viagem pela Europa, onde alcançou sempre grande prestígio, sobretudo em Itália.

O velho poeta Miguel da Silveira, também, para Itália foi levado, como médico, pelo seu antigo discípulo o Duque de Medina de Los Arcos, vice-rei de Nápoles, e Gaspar dos Reis Franco, exercendo a clínica em Carmona del Betis, grangeou um alto prestígio pelo seu saber e valor das suas obras médicas e filosóficas que mereceram os encómios internacionais e o elogio caloroso do próprio Papa, Benedito XIV, no seu notável escrito de *Canonizatione Servorum Dei*. A intolerância religiosa dêste ilustre médico levou-o, porém, a insultar escusadamente o grande Zacuto Lusitano, judeu português que para a Holanda tivera que ir viver e que, sem nunca esquecer a sua Pátria, escreveu um dos livros mais assombrosos de erudição, de que há memória em literatura médica. Nesta obra, além da ciência da sua época, encontra-se tóda a outra a partir da mais remota antiguidade e o côro de louvores que em tóda a Europa se

levantou a encarecer-lhe o valor, demonstra bem o que ela representa de trabalho e de saber.

Muito menos sorte do que todos estes seus colegas e compatriotas teve certamente o Dr. Rui Lopes, quando médico da Rainha Isabel de Inglaterra, pois de nada valeu ao clínico caridoso e popular do Hospital de S. Bartolomeu, nem a fama do seu zêlo e honestidade, nem a reputação de sábio que tão brilhantemente soubera conquistar e que todos os seus biógrafos são unânimes em reconhecer, no dia em que, despercebido e cheio de boa fé, se apressou a apresentar e recomendar à soberana, o português Manuel de Andrade que, por incumbência de Filipe II, viera a Londres.

O prestígio daquele homem, guindado pelo seu valor às mais altas situações clínicas da côrte, não pôde resistir à violência da intriga política e tenebrosa que o ódio do Conde de Essex logo contra êle urdiu, acusando-o de trabalhar a favor da Espanha e de pretender, até, envenenar a própria Rainha, a soldo do seu monarca.

Prêso por fim e confiscados todos os seus bens, não tardou que o monstruoso processo, tantas vezes instruído, pela tortura, arrastasse o mártir até à fôrca. E, como se tudo isto não bastasse ainda, continuaram depois os seus implacáveis inimigos a cuspir ódio na sua memória, a ponto de os autores dramáticos da época passarem a tomá-lo para modelo, em suas peças, do judeu traidor e vil. Como muito bem disse o grande mestre português da medicina Sr. Dr. Ricardo Jorge: «página assim mais sinistra e trágica talvez se não tope no martirologio profissional».

Por êste tempo, também Filipe de Montalto, médico português que para a Itália tinha fugido, adquiriu fama tal, que, tornando-se conhecido do Marechal d'Ancre, logo êste o recomendou à côrte de França que o mandou chamar a Paris, para tratar de Maria de Medicis. Esta Rainha imediatamente o nomeou seu primeiro médico e conselheiro e tanta confiança nele

ficou depositando e tão grande estima lhe tributava que do rei conseguiu o livre uso da religião judaica para êle e sua família. Quando o célebre médico teve, em 1615, de acompanhar até Irun Isabel de Bourbon, noiva de Filipe IV e, no regresso, faleceu em Tours, Maria de Medicis ordenou, logo, que o embalsamassem e que, com todas as honras, êle fôsse transportado para Nantes, donde devia seguir, depois, para a Holanda.

Já antes, André Lourenço Ferreira, professor da Faculdade de Medicina de Montpellier e autor de três tratados notáveis que mereceram a tradução em latim, fôra também médico da mesma Rainha, ascendendo, mais tarde, a arquiatra de Henrique IV, e de tanta influência chegou a gozar na Côrte, que a Faculdade o nomeou, mesmo distante, seu Cancellário para, junto do Rei, lhe favorecer as pretensões. Francisco Sanches, o grande filósofo português que tão brilhantemente combateu Aristóteles, também em França ensinou medicina e filosofia durante longos anos, tendo sido professor da Universidade de Toulouse que lhe confiou também a direcção do seu Hospital.

Nesta mesma Universidade regeu cadeira médica Pedro Vaz Castelo e Diogo Mourão alcançou grande fama clínica na Provença. Lázaro Ribeiro, o «Rivière» da conhecida poção ante-emetica, ensinou na Faculdade de Montpellier. O valor das suas obras era tão grande e espalhou-se tanto pela Europa que o médico Crestino, na Córsega, se quis vender um livro seu, teve que o intitular *Arcana Rivierii* a-pesar-de Ribeiro ignorar a existência tanto do livro, como do seu autor. Baltasar Oróbio de Castro foi médico, em Sevilha, do Duque de Medina Celli e depois de ter estado preso, três anos, nos cárceres da Inquisição, passou a França, onde a Faculdade de Medicina de Toulouse o nomeou seu professor, mas tendo sido novamente obrigado a fugir, foi então para a Holanda, onde, com grande aplauso, exerceu a medicina, o resto da sua vida.

Médicos distintos também se revelaram os filhos de Mestre Rodrigo de Castro, Bento e Daniel, que foram respectivamente Físicos-Móres da célebre Rainha Cristina da Suécia e do Rei da Dinamarca.

Manuel Bocarro Francês foi uma das mais curiosas figuras internacionais de médico português. Muito dado à astronomia e à poesia e formado em medicina por várias Faculdades de Espanha, Holanda e França, pouco tempo se demorou, na sua volta, em Portugal, donde se viu obrigado a fugir, ao saber-se denunciado à Inquisição pela sua própria família.

Autor de numerosíssimas obras médicas e astronómicas, o grande Kepler, o maior astrónomo do seu tempo, tinha por êle uma alta consideração e a sua fama de médico notável tornou-se tão grande que, por onde quer que passasse, logo o chamavam para tratar do soberano ou dos seus mais nobres fidalgos. Poucos médicos trataram, como êle, tantos reis, tantos príncipes e tantos nobres. Foram seus clientes, a Imperatriz Leonor, a Princesa Maria e o Príncipe da Dinamarca, os Duques de Lerma y Belmonte, o Arquiduque d'Áustria, Frederico III da Alemanha que o fez Conde Palatino. Baltazar de Zuniga, vice-rei espanhol em Itália e entre nós, quando mais tarde Manuel Bocarro Francês voltou a Portugal, o Duque de Bragança e seus irmãos. Uma última vez, ainda, teve que abandonar Lisboa, mas agora, por se ter mostrado affecto, em seus versos, à causa da Restauração, passando depois a Roma, onde, a-pesar disso, o Embaixador de Espanha continuou sempre a ser seu cliente.

Em Itália, Estêvão Rodrigues de Castro curou o Grão-Duque da Etruria e êste, cheio de gratidão, conseguiu que o nomeassem professor de medicina da Universidade de Pisa. A regência, porém, da sua cadeira tornou-se, logo, tão notável que, dentro em pouco, a mesma Universidade promovia-o a supra-ordinário, com precedência sobre todos os professores, excepto os de teologia. E, assim, manteve Rodrigues de Castro o mesmo

prestígio durante 22 anos, tendo escrito, além disso, obras poéticas em quatro línguas e médicas de tal quilate que um livro seu, que trata da sucessão dos estados mórbidos, fez a fama de Lorry, quando êste, mais tarde, se lembrou de o plagiar.

Acêrca dêste livro, escreveu o doutíssimo Morejon, em princípios do século XIX, as seguintes e honrosíssimas palavras: «Oxalá os meus discípulos o aprendam de cór, pois é, certamente, o mais sublime que, sôbre esta matéria, se tem escrito até hoje».

O poeta Duarte Rosa, em Roma e a-pesar-de judeu, foi também chamado a tratar do Pontífice, tão grande era a sua reputação clínica. Rodrigo da Fonseca, escritor médico de alto valor, chegou à Itália precedido de tanta fama que, logo em Pisa, o convidaram a reger uma cadeira médica na Universidade e passando depois a Pádua, ahi ficou regendo a de Prima, tendo sido, na opinião de Morejon, um dos homens mais sábios que, no seu tempo, ilustraram as Universidades. Seu sobrinho, Gabriel da Fonseca, também formado em Portugal, foi um reputadíssimo mestre da Universidade de Pisa, que depois abandonou para se estabelecer em Roma, onde foi médico dos Pontífices Inocência X e Alexandre VII, e ensinou na *Sapientia*.

Entretanto, Fernão Mendes, que muitos autores afirmam ter sido primeiramente professor de medicina em Montpellier, torna-se, em Londres, o médico da Rainha Catarina e de seu esposo Carlos II, alcançando, depois, uma fama clínica europeia, à custa dos seus segredos terapêuticos e, principalmente, da sua famosa Água de Inglaterra, que tinha a quina por base. Como Talbot, a quem por facto idêntico Luíz XIV largamente recompensou, recebeu também Fernão Mendes, por êste motivo, avultado prémio de D. Pedro II, que lhe consentiu, além disso, que continuasse a guardar o segredo da sua fórmula. *Fellow* do Real Colégio dos Médicos, fazia-se êle pagar tão caro que, uma vez que em serviço da Rainha

teve que atravessar a Mancha para ir a Leão, cobrou mil libras, fora das 400 que mensalmente recebia de ordenado.

Quando D. Pedro II adoeceu com a chaga sifilítica na garganta que o matou, foi Mendes quem, de longe, lhe diagnosticou o mal, indicando o especialista Crighton, para em Lisboa, lhe aplicar o tratamento mercurial, visto que, escrevia então o nosso Embaixador: «na vinda do Dr. Mendes a Portugal, nem se podia pensar». Tendo sido dispensados os serviços do médico inglês por causa de umas efémeras melhoras que não enganaram Mendes, que de Londres continuou a insistir pela aplicação do tratamento indicado, o Rei faleceu pouco depois.

No século XVIII David Neto, chefe da Sinagoga, brilha na Capital Inglesa pela sua erudição e Jacob de Castro Sarmiento, doutorado pela Universidade de Aberdeen, impõe-se à consideração científica de Londres que lhe confere o título de *fellow* do Real Colégio dos Médicos e da Sociedade Real, em recompensa das suas obras notabilíssimas, entre as quais sobressai a *Matéria médica*. No mesmo século João Baptista da Silva, médico afamadíssimo de Luiz XV, herda em Paris a clínica importante de Helvetino e assiste à célebre trágica Adriana Lecouvreur. Voltaire, que tinha por êle uma grande admiração e que afirmava que se Molière o tivesse conhecido não teria ousado, nem pensado mesmo, em ridicularizá-lo, dedicou-lhe os seguintes versos:

Malade et dans un lit acablé par la douleur,  
Par l'éloquant Silva vous êtes consolé,  
Il s'ait l'art de guérir, autant que l'art de plaire.

Depois de, quasi em estilo telegráfico, ter feito desfilar perante V. Ex.<sup>as</sup> uma longa série de notáveis figuras de médicos portugueses que, até fins do século XVIII, se distinguiram no estrangeiro e cujas obras não me foi, mesmo,

possível mencionar dentro da escassez do tempo desta simples palestra, vou passar a descrever, em breves palavras, a vida gloriosa de António Ribeiro Sanches, nome que todos os bons portugueses devem, com orgulho, decorar, porque foi um dos mais ilustres de Portugal.

Beirão de nascimento e formado em medicina pela Universidade de Salamanca, a atmosfera de suspeições e perseguições do princípio do século XVIII, que sobre êle pesava, perturbou de tal modo o seu espírito requintado, que o fêz duvidar da religião em que se criara e o levou, depois de uma luta formidável que se travou, na sua consciência, ávida de verdade e de justiça, a abandonar a Pátria e a tomar o caminho de Londres. Aí abraçou o judaísmo, fruto proibido na sua terra e que melhor lhe parecia coadunar-se não só com a coerência das suas ideias, mas também com as tradições da sua raça. Dentro em pouco, porém, aplacada a tempestade que a exaltação de ideias religiosas desencadeara no seu espírito, Ribeiro Sanches, sempre pronto a seguir o rumo que a sua consciência melhor lhe aconselhava, entrou a arrepender-se do seu gesto e a sofrer cruelmente da tortura, que a hesitação inflige aos espíritos insatisfeitos. Por fim, em França já e com as suas ideias completamente assentes, voltou de novo à Religião da Cruz e desta vez para sempre.

Desembaraçado das afitivas cogitações de ordem religiosa, tôdas as suas prodigiosas faculdades de trabalho incidiram sobre o estudo e se desenvolveram ao serviço da ciência.

O sábio Bertrand de Marselha, reconhecendo nêle as qualidades preciosas da sua grande inteligência e do seu amor pelo estudo, aconselhou-o vivamente a seguir as lições de Boerhave que em Leyden, juntamente com Albino na anatomia, Gaubio na química, e Van Swieten na farmácia, dava leis na medicina a todo o mundo civilizado, a ponto de o Imperador da China lhe ter endereçado, um

dia, certa carta em que o consultava, apenas do seguinte modo: «Para o Dr. Boerhave, médico na Europa».

Uma vez na Holanda, logo Sanches começou a fazer rápidos progressos e a impor-se à consideração do grande mestre, e de tal modo conseguiu brilhar nos seus estudos que Boerhave o indicou, com mais dois dos seus discípulos, à Imperatriz da Rússia, quando esta, em 1731, lhe mandou pedir que lhe enviasse três dos seus melhores alunos. Como estes seus dois condiscípulos tivessem de esperar, ainda algum tempo, para tomarem o grau necessário, Sanches confessou ao mestre que já era formado, o que levou êste, cheio de espanto, a mandar logo restituir-lhe as importâncias que dêle havia recebido, pelo ensino ministrado.

Quando chegou à Rússia, Ribeiro Sanches levava as algibeiras vazias e o coração imerso na dôr. Seu pai tinha falecido e a mãe ficara completamente arruinada numa demanda que perdera. Logo o seu desinteresse, prontamente, se manifestou, cedendo-lhe tudo quanto na herança lhe cabia. Depois, a golpes de talento, rapidamente o seu imenso saber e a sua notável sagacidade clínica souberam conquistar a admiração geral, fazendo com que, em breve, transitasse de médico em Moscow para membro da Chancelaria da Medicina em S. Petersburgo. Seguidamente, e sempre numa carreira triunfal, foi êle nomeado médico dos exércitos onde, durante seis anos, serviu, tomando parte em várias campanhas. Foi neste período do seu serviço militar que o grande higienista, que, no célebre «Tratado da Conservação da Saúde dos Povos», havia de ensinar, mais tarde, princípios que, infelizmente, ainda hoje não entraram nos nossos usos, como, por exemplo, o das casas de convalescença, estabeleceu práticas utilíssimas e de importantíssimo alcance para a medicina castrense e a higiene dos exércitos em campanha, mas foi, sobretudo, tratando e autopsiando os soldados, que êle conseguiu amontoar centenas dessas observações que, a-pesar-de, em grande parte, lhe terem

sido roubadas durante a sua doença no cêrcio de Azof, lhe permitiram, depois, em suas obras notabilíssimas demonstrar a relação existente entre a sífilis e muitas enfermidades internas e viscerais, que, evolucionando tardiamente, dão mostras de serem processos mórbidos independentes.

Estavam, pois, por êle lançadas as bases da sifillografia moderna, que, no século seguinte, haviam de fazer a fama de um Ricord e dum Fournier e que hoje constituem, ainda, um dos grandes horizontes da clínica contemporânea.

Mas, prosseguindo na nossa narrativa biográfica, vemos que Ribeiro Sanches, no regresso das suas campanhas militares, foi nomeado pela Rainha, que nele depositava já a maior confiança, médico do Nobre Corpo de Cadetes. Êste cargo, que lhe deixava mais tempo livre e fixava a sua vida na capital, permitiu ao grande médico português uma mais ampla satisfação da sua curiosidade científica sem limites e o estudo mais afinado dos problemas da história natural, da física e da química, que tanto o interessavam.

A correspondência que activamente passara a manter com os cientistas do mundo inteiro, trocando impressões e promovendo trocas de amostras e exemplares, rapidamente lhe conquistou, juntamente com a sua fama de médico, uma reputação europeia de sábio. Até com gente da China êle cientificamente se correspondia e quando a Real Academia das Ciências de Paris lhe abriu as portas e o elegeu seu sócio correspondente praticou apenas um grande acto de justiça.

Ascendendo, por fim, a médico da côrte, logo Sanches ali alcançou um grande successo clínico, na primeira vez que a Imperatriz o consultou àcerca do mal desconhecido que, havia oito anos, a fazia sofrer. Ribeiro Sanches, prontamente, lhe diagnosticou um cálculo nos rins, então sem remédio, o que, seis meses depois, a autópsia veio plenamente confirmar.

Médico da Regente, que o manteve nas suas funções, cara lhe saíu esta distinção, pois, conforme lhe ordenava a sua consciência recta, não a abandonou nem na hora do perigo, nem na da desgraça, após a revolução triunfante, que colocou no trono Isabel Petrowna. Perseguido e insultado por êste honroso motivo, desta difficil situação se salvou à custa, ainda, do seu grande valor clínico, isto é, depois de ter conseguido curar o Duque de Holstein, que todos julgavam perdido e que, cheio de gratidão, o nomeou conselheiro de Estado. A sensibilidade, porém, do sábio português não se compadecia com êste estado de coisas, perdera o gôsto, e insistindo, apenas, pela sua reforma, abandonou a Rússia logo que esta lhe foi concedida.

Nome conhecido em tôda a Europa, a sua passagem pela Prússia assinalou-se pela conferência que, durante mais de uma hora, teve com o rei que, certamente desejoso de saber promenores acêrca dos acontecimentos do grande país seu vizinho, não ousou perguntar-lhe coisa alguma sôbre o caso, respeitando, assim, a sua nobre reserva e limitando-se, unicamente, a com êle conversar sôbre física e história natural.

Em 1747 fixou Sanches, finalmente, a sua residência em Paris, a instâncias dos sábios que lá viviam, entregando-se desde então, unicamente, ao estudo e reservando apenas a sua clínica, absolutamente desinteressada, para os pobres, os sábios, os portuguezes e os russos. Do seu magro bôlso auxiliava, êle próprio, os estudiosos sem recursos, até que, faltando-lhe também os meios, a sua situação ter-se-ia tornado bem crítica, se uma pensão russa não lhe tivesse acudido e a ela não se juntasse, mais tarde, outra do Govêrno Português, embora concedida de modo intermitente. No seu pôsto de sábio autêntico, de estudioso infatigável, experimentava êle em si próprio os medicamentos antes de os aconselhar aos colegas e amigos, e orientava, de longe, o Marquês de Pombal na sua Reforma de Estudos Universitários.

Mantendo, sempre, até ao fim, acesa e constante, a sua correspondência com quasi todos os sábios do mundo, apagou-se, finalmente, em 1782 esse grande espirito, que toda a vida animara um corpo débil e enfermo, deixando, em compensação, bem ateado um clarão de glória a iluminar, para sempre, o nome científico da sua Pátria.

Passando agora, e por último, a estudar o século XIX, vemos que, durante elle, a expansão médica portugueza enfraqueceu bastante, devendo, contudo, registrar-se, a-pesar disso e entre outros factos de menor importância, a sensação causada nos meios científicos do estrangeiro pela descoberta dos princípios das quininas pelo Dr. Bernardino António Gomes, o successo obtido pelo livro, sobre a gota, do Dr. Francisco Tavares em França e Inglaterra, o triumpho do Dr. José Maria Grande durante a discussão da cólera no Congresso Sanitário de Paris, a adopção provisória, no Brasil, da Farmacopeia do Conselheiro Albano e o concurso brilhante do Dr. Casado Geraldés na Faculdade de Medicina de Paris, o notável ensino da cirurgia infantil por elle, depois, desenvolvido nos hospitais e a sua descoberta do chamado órgão de *Giraldés* que o levou à Academia de Medicina e lhe deu a Legião de Honra.

Como V. Ex.<sup>as</sup> acabam de ouvir contar, de um modo reduzidissimo e desataviado, pois este assunto é tão vasto e interessante que bem se prestava a um curso de conferências, a medicina dos portuguezes no estrangeiro, através dos séculos, foi alguma coisa de notável, de que todos os verdadeiros patriotas se podem e devem legítimamente orgulhar.

Embora nesta ciência o desenvolvimento tivesse sido maior, o que se explica pela sua própria natureza e immediata utilidade, credora de atenção e protecção, nem por isso as outras ciências, puras ou applicadas, deixaram de contar valiosos cultores, também, entre a Gente Portugueza. Para disto nos convenceremos basta que nos lembre-

mos dos nossos assombrosos descobridores que cientificamente souberam orientar as suas navegações, de Pedro Nunes na matemática, de Magalhães, Bento de Moura e Verney na física, de Sarmiento, Semedo, Aguiar, Rodrigues, Lourenço e Ferreira da Silva na química, de Garcia d'Órta na divulgação mundial das drogas indianas do Oriente, de Velozo, Brotero e Júlio Henriques na botânica, etc.

Portugal, ao contrário do que muitos espíritos derrotistas e superficiais julgam e erradamente afirmam, não possui exclusivamente tradições náuticas ou guerreiras, deve lembrar-se também, com justiça e desvanecida admiração, daqueles seus numerosos filhos que, pelo seu alto valor, conseguiram conquistar eterna glória para os seus nomes e para o nome científico do seu País, quando passaram a viver em meios mais apropriados ao desenvolvimento da ciência, condições estas que Portugal, infelizmente, raras vezes tem apresentado.

É este meio propício ao espírito científico que urge criar e desenvolver entre nós para que não se perca o ardor intelectual da mocidade de hoje, nem tôda essa actividade febril que lhe notamos, norteada pela ideia grande de, assim, poder contribuir eficazmente para um ressurgimento nacional.

Para isso, é preciso que se dispense uma decidida protecção, real e eficaz a todo aquele que pretenda estudar, investigar e criar, enfim, ciência nova, não olhando senão ao seu valor e às possibilidades científicas que oferece sem, portanto, o sacrificar, nem restringir a sua acção, pelo facto ridículo de não ter caído na graça de certos cientistas vaidosos, que julgam ter tirado a patente de invenção e o exclusivo absoluto da ciência do seu país.

É preciso, ainda, que se intensifique o intercâmbio científico e cultural com o estrangeiro e que se insista, finalmente, na formação de uma consciência nacional, de uma convicção colectiva do nosso valor e das nossas possibilidades científicas, baseadas na tradição, que a História da Ciência Portuguesa plenamente garante.



Assim, tenho a mais absoluta fé nos destinos científicos da minha Pátria, na sua colaboração eficaz com o resto do mundo civilizado no campo espiritual, que é ilimitado e aquele, agora que o mundo nada mais tem para descobrir nem para conquistar, que melhor se presta ao desenvolvimento do progresso e do bem-estar dos povos.

Assim, poderá Portugal manter intacta, pela vida fóra, a característica sublime e secular do seu grande povo, a de ter sabido sempre engrandecer-se, sem prejudicar ninguém e, antes pelo contrário, em benefício do mundo inteiro.

#### MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

A êste Glorioso Baluarte do Pensamento Português que, através dos séculos, tem mantido o seu fulgor, vim, hoje, repetir afirmações que por êsse mundo tenho feito, como um peregrino cheio de esperança que num santuário quisesse alentar, mais ainda, a chama que o domina. Para isso dirigi-me a Coimbra, à poética cidade que entenece as almas e fortalece os cérebros, e senti robustecer-se todo o meu patriotismo quando a sua Universidade alcancei, porque ela foi, é e há-de ser, sempre, o Coração Espiritual desta Pátria Portuguesa.





RÓ  
MU  
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA

\*1329665290\*



Oficinas da Coimbra Editora, L.da